



E agora?

O mês de Agosto e o início de Setembro foram férteis em artigos de opinião sobre a divulgação dos dados referentes às classificações dos alunos do 12º ano. Para este número da revista escolhemos o artigo de Joaquim Fidalgo com o título *Enfim "a lista". E agora?...* porque, quanto a nós, levanta um conjunto de questões sobre as quais vale a pena reflectir, independentemente da posição que cada um tenha sobre os rankings.

Curiosamente, o artigo começa com uma imagem que muitos de nós conhecemos e utilizamos no ensino da Estatística:

A caricatura é velha e revelha, mas nem por isso deixa de nos alertar sobre os limites da estatística apressada: se eu comi um frango e tu não comeste frango nenhum, cada um de nós comeu, em média meio frango. Estatisticamente claro.

No seguimento desta ideia aponta algumas razões que podem justificar as reservas à divulgação destes dados:

Um ponto parece hoje mais claro: quem, ao longo dos tempos foi manifestando reservas à divulgação pública destes dados não o terá feito por ser contra a transparência da administração pública, mas por rezear leituras apressadas e consequências perversas do tratamento meramente quantitativo e bipolar — a lógica dos *melhores* e dos *piores*, envolta numa capa de aparente objectividade (...).

Mais à frente alerta para a imagem que pode ter passado para a opinião pública face às diversas listas divulgadas pelos *media* e aos destaques dados aos *melhores* e aos *piores*:

Na cabeça de muita gente, a única coisa que terá ficado é que *a escola do meu filho é melhor que a tua* ou *a escola da tua terra é pior que a da minha*.

Depois de analisar a forma como as estatísticas foram realizadas, apontando outros critérios quantitativos que poderiam ter sido utilizados e que certamente originariam outras ordenações, enumera uma série de aspectos que dificilmente podem ser mensuráveis, nomeadamente através de exames nacionais:

E, esgotados todos estes *quês* de uma visão (hoje tão na moda..) apenas quantitativa, estatística, mensurável, seguem-se os *comos* e *porquês* de uma análise qualitativa, mais cuidada, que leve em conta as realidades sociais, económicas, geográficas, culturais, uma série de variáveis que ajudam a fazer justiça às escolas concretas, e que não lançam sobre esta ou aquela o precipitado estigma de *mediocre* ou *mau*.

Segundo o jornalista, é positiva a diversidade das contribuições, até como forma de inibir aproveitamentos perversos:

(...) já há escolas a dizer que, sendo assim, sabem muito bem que expectantes usar para fazer subir a sua posição em *rankings* futuros.



in Público, 2 de Setembro de 2001

Nós acrescentaríamos algumas interrogações às de Joaquim Fidalgo:

- O papel do Ministério da Educação poderá limitar-se à divulgação de uma base de dados sem quaisquer preocupações analíticas?
- Que repercussões podem ser esperadas dentro e fora das escolas?
- Que iniciativas devem tomar professores e escolas para promover uma avaliação contextualizada do seu trabalho?
- Que iniciativas devem ser desenvolvidas pela APM?

É importante avaliar o sistema educativo mas, na nossa opinião, ela não se pode reduzir a um qualquer tratamento estatístico. Corremos o risco de ficarmos todos razoavelmente confortáveis (estatisticamente) sendo que uns estão com a cabeça no frigorífico e outros com os pés dentro do forno.

Adelina Precatado
Esc. Sec. de Camões

António Bernardes
Esc. Sec. de Gil Vicente